

Sarney encerra congresso na Amazônia

Cientistas reunidos em Manaus concluem que o desmatamento afeta o clima da região

LIANA JOHN

MANAUS — O presidente José Sarney encerrou ontem o congresso "Necessidades, Pesquisas e Estratégias para o Desenvolvimento Auto-Sustentável da Amazônia", promovido pela Universidade Paulista, Unip. Acompanhado pelos ministros Seigo Tsuzuki, da Saúde; Vicente Fialho, das Minas e Energia; João Alves, do Interior; e pelo chefe do Gabinete Militar general Rubem Bayma Dennis, Sarney veio dar apoio aos cientistas participantes, alguns dos quais sugeridos por ele mesmo.

O reitor da Unip, João Carlos Di Gênio, adiantou em seu discurso alguns dos resultados do congresso. A "Carta da Amazônia" com todos os trabalhos e discussões desses cinco dias deverá ser lançada em livro, em português, espanhol e inglês, dentro de três meses. Também serão editadas fitas de vídeo com as intervenções dos cientistas, e todo o material estará à disposição da sociedade, bibliotecas, universidades e escolas. "A comunidade científica às vezes não consegue levar os resultados de pesquisa até a população, por isso trouxemos os estudantes para dentro do congresso e vamos levar os resultados para a sociedade", disse Di Gênio.

Do diagnóstico dos cientistas, professores e representan-



Di Gênio, da Unip: conclusões do congresso serão editadas em livro e vídeo

tes da comunidade amazônica consta que a questão climática é crucial e está diretamente relacionada ao problema do desmatamento crescente. O segundo problema grave é o crescimento populacional: em apenas 20 anos a população da região passou de cinco para 17 milhões de habitantes. O caráter desordenado desse aumento, o desenvolvimento de atividades de exploração agropecuária, mineradora, em locais muitas vezes inadequados, têm contribuído fortemente para a agressão ao meio ambiente. Com base nisso, Di Gênio antecipa seis reco-

mendações básicas dos cientistas: o incentivo ao desenvolvimento de atividades econômicas de caráter auto-sustentável, que favoreça a criação de florestas extrativas pela associação de agricultores locais, necessariamente amparados por uma política de incentivos; a necessidade de uma política educacional claramente definida para a região, a fixação de pesquisadores, o estímulo ao contato dos centros locais de pesquisa com as instituições congêneres nacionais e estrangeiras e a forte interação das comunidades locais; a urgência

de um plano de saúde pública apropriado à prevenção e controle das doenças transmitidas por vetores e daquelas decorrentes das condições de pobreza; a eliminação de incentivos que se mostram prejudiciais ao desenvolvimento auto-sustentável; o cumprimento das leis de proteção ambiental e a criação de alternativas de organização sócio-econômica a partir de recursos naturais renováveis; e o incentivo à participação dos centros de pesquisa da região na elaboração e acompanhamento das políticas públicas atinentes à área.

Engenheiro aponta saídas

O Brasil tem duas saídas diante da crise energética que se aproxima, segundo o engenheiro José Roberto Moreira, do Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo: "Ou adotamos a grande solução, que é aproveitar intensivamente as reservas hídricas da Amazônia, ou partimos para várias soluções menores e preservamos ao menos uma parte da Amazônia intacta".

Ele acrescenta que o problema da grande solução é que ela também causa um impacto igualmente grande, enquanto as várias soluções menores podem trazer menos consequências em seu conjunto.

As principais alternativas às hidrelétricas na Amazônia seriam o aproveitamento do bagaço de cana, a ligação do sul do Brasil com a Argentina para importação de energia e termelétricas movidas a gás natural ou biomassa, que segundo ressalta Moreira afetam menos a atmosfera. Já existem na Amazônia alguns poços em condições de produzir gás natural como o Juruá e o Uruçu. Há ainda estudos da viabilidade para importação de energia produzida a partir de gás da Bolívia e do Peru. A cana ainda não se mostrou viável nessa região, mas a redução da demanda do Sudeste e Nordeste, tradicionais produtores de álcool, e o abastecimento do Sul a partir da Argentina aliviará cer-

tamente a pressão sobre os rios amazônicos.

Nos casos em que o aproveitamento das hidrelétricas é inevitável, é necessário que, já no projeto, haja maior integração com todos os outros setores que também dependem dos rios, como o de transportes fluviais, saneamento e irrigação. Goki Tsuzuki, do Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica, afirma que existe hoje em todo o País um conflito entre os vários usuários dos rios, o que resulta em desperdício dos recursos hídricos. "A água é um bem mineral que permite desenvolvimento econômico e social e, portanto, é preciso aproveitar ao máximo esse benefício", acrescenta.

BOA VONTADE

O biólogo e ambientalista norte-americano Thomas Lovejoy, do Instituto Smithsonian, fez uma série de sugestões para a conservação da Amazônia, que para ele, dependem apenas de boa vontade política. Para ele, não se pode chegar a modelos de desenvolvimento auto-sustentável de um hora para outra. É preciso ainda encontrar alternativas para o povo que já está na região e, ao mesmo tempo, evitar maior pressão de novas ondas de colonização. Lovejoy diz que isso depende também de recursos e que o mundo inteiro deve ajudar, mas a iniciativa deve ser brasileira. (L.J.)

Artistas visitam a floresta

Todo o grupo de 20 artistas de Hollywood que está em Manaus para conhecer a Amazônia faz parte de uma organização ambientalista chamada Earth Communication Office, que inclui o ator Tom Cruise e a mulher Mimi Rogers Scott Mednick e muitos outros nomes famosos, como Mel Gibson, Barbra Streisand, Quincy Jones e mais de dois mil autores, atores, produtores, cenógrafos, músicos e publicitários. Esta é a primeira viagem ao Exterior de representantes desse grupo e eles escolheram o Brasil porque consideram "o ambientalismo quase uma religião, cuja lei maior é a vida, e o santuário, a floresta".

Markman. "Não há símbolo maior de vida do que a floresta tropical", acrescenta Bonnie Reiss, advogada, fundadora e líder da ECO.

O grupo não veio levantar fundos nem ensinar ao Brasil o que fazer com suas florestas, diz Bonnie, mas conhecer e entender os processos, em curso, contratar cientistas e, se possível, divulgar mensagens que contribuam para sua conservação. Até agora, eles conheceram trechos da Mata Atlântica, entre Parati e Ubatuba, alguns iguares do Rio Negro e hoje vão para uma reserva de pesquisa a 100 quilômetros ao norte de Manaus, onde passarão a noite e verão o dia



Mimi Rogers Scott Mednick



Thomas Lovejoy: conservação da Amazônia